

## A construção do sujeito líquido moderno nas músicas do Tiago Iorc

Emilly Lorene de Souza Mota <sup>1</sup>

Andréa Francisca da Luz <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção do sujeito virtual na contemporaneidade presente nas letras de música do cantor Tiago Iorc, e o conceito de sociedade líquida moderna do filósofo Zygmunt Bauman. Nesse sentido, serão tratados como princípios norteadores a relação sujeita e ambiente virtual e a necessidade ubíqua desse sujeito em estar visível em todos os lugares (plataformas digitais). Como resultado, percebemos a necessidade do sujeito virtual se presentificar dentro do ciberespaço e de se manter no controle e à frente de tudo que está ao seu redor (tudo por um like), deixando muitas vezes as relações interpessoais em segundo plano.

**Palavras-chave:** Ubiquidade. Sujeito Virtual. Zygmunt Bauman. Tiago Iorc.

### 1 Introdução

O mundo virtual, ou ciberespaço é rápido, atualizado e contemporâneo, as pessoas que estão ali, ligadas direta ou indiretamente são afetadas e afetam. Neste ambiente, o sujeito virtual representa aquele que está sempre se atualizando das notícias, postando algo ou até mesmo aqueles que não postam nada, mas estão lá, curtindo e compartilhando tudo que está em alta. Vale ressaltar que o sujeito virtual é um ser em construção, assim como o mundo ao qual ele faz parte. Isso porque as relações virtuais aparentam ser mais importante do que as relações offline, afinal de contas, nesse ambiente online de relações e atuações efêmeras, rápidas, podemos ser quem queremos ser, o importante é estar lá, sempre presente, atualizado, ciente de tudo que acontece ao seu redor. O *like*, curtida, é o produto mais precioso dessas interações, é moeda de troca para a sociedade virtual. É a partir dele que as vidas nas redes giram em torno, quanto mais *likes*, mais seguidores, quanto mais seguidores mais fama e isso é um ciclo sem fim.

---

<sup>1</sup> Discente do curso graduação em Letras – Português\Inglês – das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão. E-mail: emillylorene@gmail.com

<sup>2</sup> Docente vinculada ao Departamento de Letras das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTIVISA). E-mail: letradeforma@hotmail.com

O produto de venda para esses que vivem dos *likes* é muita das vezes o rosto, o carisma ou até mesmo o jeito único de falar. A exemplo disso, temos Carlinhos Maia<sup>3</sup> o sujeito virtual mais assistido no Brasil todo e segundo mais assistido no mundo inteiro, ganhou fama mundialmente através dos seus vídeos irreverentes com a participação da mãe, e hoje soma mais de 16 milhões de seguidores.

Para dialogar com esta concepção de mundo virtual, ciberespaço e sociedade líquida, partimos do princípio de que a arte é o plano de fundo que toma como tema a realidade, a sociedade, a cultura, dentre outros elementos. Nesse sentindo, a música teria como fonte de inspiração o meio ao qual o compositor está inserido. O cantor Tiago Iorc ficou famoso por suas músicas que tinham, além de uma boa melodia, uma reflexão crítica sobre a sociedade virtual líquida dos dias atuais. Por isso, partindo desta observação, este artigo pretende observar de forma algumas letras das músicas deste cantor/compositor que versam sobre a constituição do sujeito virtual que está sempre em processo de construção/desconstrução dentro do movimento dinâmico de nossa sociedade líquida moderna.

## 2 Metodologia

Para o presente estudo, que é de base bibliográfica, tomamos como aporte os conceitos de linguagem online, visto pela ótica de Bardon e Lee (2015); de Modernidade líquida, a partir dos estudos de Zygmunt Bauman (1999); bem como a ideia de ubiquidade conceitualizada por Santaella (2013). A base teórica serviu de plano de fundo para a análise das letras das músicas “Sol que faltava” e “Desconstrução”, ambas do cantor Tiago Iorc.

## 3 Resultados e discussões

### 3.1 Concepções de Linguagem Online

A língua é uma unidade única e prova viva da efemeridade das coisas. Ela está sempre morrendo ou renascendo, sendo modificada ou melhorada, abreviada ou cortada. Essa vida efémera, mas de constate renovação é o que vem acontecendo diariamente na sociedade, mas não essa sociedade onde você sai para trabalhar e passa o dia inteiro atrás de uma pilha de

---

<sup>3</sup> Informação tira do site: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/08/alagoano-adotado-e-rei-do-instagram-quem-e-carlinhos-maia-brasileiro-mais-visto-no-stories.shtml> Acesso em: 18.07.19

papel; volta para casa apenas para dormir e começar tudo de novo. Essa efemeridade existe na sociedade virtual, aquela em que o sujeito acorda postando um lindo café da manhã, ou o belo dia de sol que está fazendo e a felicidade extrema que ele faz transparecer. Essa sociedade virtual é passageira, rápida, mas que está sempre sendo atualizada, comentada, compartilhada, curtida, escutada, debatida, aprendida e esquecida.

Esse processo interativo intenso se dá por meio de relações comunicativas, e estas por sua vez são tecidas a partir de uma linguagem online. No livro “Linguagem online: textos e práticas digitais”, de Lee e Barton (2015), os autores nos mostram como a linguagem online já está inserida em nossos contextos diários de interação, fazendo-se parte ativa da sociedade que está ligada diretamente ao mundo virtual ou até mesmo daqueles que ainda não optaram por estarem conectados. Hoje em dia tudo é tratado através de um e-mail ou de uma simples mensagem pelo *WhatsApp*, ou seja, a linguagem online está atrelada à facilidade e às multiformas que podemos nos comunicar, compartilhar um acontecimento, registrar um momento.

A linguagem existe como um conjunto de recursos que as pessoas utilizam para criar sentido de uma forma *multimodal*. Um aspecto notável de como as pessoas constroem sentido *online* é a expressão do *posicionamento* em relação ao que estão dizendo, incluindo visões sobre a linguagem (LEE; BARTON, 2015, p.39).

Os autores ainda abordam sobre a questão do multilinguismo, que possui dois significados complementares dependendo do ramo da linguística. De acordo com a sociolinguística é a capacidade do sujeito de entender o sistema linguístico, como a língua, dialeto, fala de uma determinada comunidade. Já para a linguística o multilinguismo seria nada mais que a capacidade do conhecimento de mais de uma língua, por um mesmo sujeito. Nesse sentido a capacidade do sujeito-virtual de interagir com a comunidade a qual ele está inserido, fazendo uso da linguagem presente no ambiente virtual, é chamado de multilinguismo. É importante ressaltar que não é apenas uso da língua, mas também fazer-se entender naquele ambiente virtual, é preciso que você seja entendido e que entenda o que move todos aqueles algoritmos.

Na era da *Web 2.0*, é fácil se familiarizar com as novas mídias *online*, e os usuários comuns da internet têm um poder sem precedentes de escolha e criatividade, o que é bem diferente *websites* tradicionais na chamada geração *Web 1.0*, em que a escolha da língua do *site* cabe a um único autor. Por causa da natureza mutável da autoria nos novos espaços *web*, parece razoável dar

uma olhada nas atividades e práticas sociais reais que cercam essa escrita multilíngue *online*, para compreender melhor como e o que as pessoas escrevem *online* e o que elas fazem online (LEE; BARTON, 2015, p. 65).

É preciso recordar que a geração que hoje está por dentro de tudo do mundo online, não é a mesma de duas décadas atrás, essa nova geração, chamada Y, que seria a geração do milênio, já nasce conectada, elas possuem uma facilidade maior no quesito comunicação online e com isso, de uma certa forma, as relações, antes, presenciais e que eram vistas diariamente na sociedade não virtual vem ganhando um novo termo, essa sociedade rápida, efêmera e sempre atualizada ganha o nome de Modernidade Líquida, como aponta Zygmunt Bauman.

### 3.2 Sociedade Líquida, Sujeito Virtual e Ubiquidade

Para o dicionário, modernidade possui o seguinte significado: qualidade ou estado do que é moderno, modernismo. Já para a história e a filosofia esse significado ganha novas ramificações, como: período, influenciado pelo Iluminismo, em que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal, e a se mover pela crença de que, por meio da razão, se pode atuar sobre a natureza e a sociedade. Nesse sentido, podemos entender modernidade como um conjunto de atos que levaram o homem a reconhecer-se como sujeito de autoridade e fala dentro da sua sociedade.

Para o filósofo Zygmunt Bauman, a modernidade está tornando a sociedade fluida, ou seja, seria o estado dos líquidos e dos gases no mundo.

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 1999, p. 8).

No livro “Modernidade Líquida”, Bauman, nos traz, de maneira direta e clara, críticas voltadas à fluidez das relações e dos momentos em que a sociedade como um todo vem passando desde o “BOOM” da internet e o advento dos meios de comunicação rápida. Bauman ainda aponta como esse processo de fluidez é nato na concepção de Modernidade.

Concordo prontamente que tal proposição deve fazer vacilar quem transita à vontade no “discurso da modernidade” e está familiarizado com o vocabulário usado normalmente para narrar a história moderna. Mas a modernidade não foi um processo de “liquefação” desde o começo? Não foi o “derretimento dos sólidos” seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi “fluida” desde sua concepção? (BAUMAN, 1999, p. 9).

É possível avaliar essa afirmação de outra forma? A modernidade foi apenas algo escorregadio e de fácil ocupação como o autor diz? Partindo do ponto de que, sim a modernidade foi necessária, e sim ela aconteceu de forma rápida, fluída e com ideais visionários, acredita-se que a modernidade nada mais foi do que a capacidade do ser humano em escapar daquilo que o prendia na solidez histórica, social e pessoal. Então sim, a modernidade, desde a sua concepção, pode ser considerada fluída, mas de tal importância para as fases dessa transformação, que faz parecer algo ambíguo e duvidoso segundo a visão de Bauman (1999).

Bauman (1999) em um dos seus livros levanta a teoria relacionada às relações sociais atuais e à relação da modernidade líquida na construção do que ele chama de Amor Líquido. O livro “Amor Líquido” faz relação com a fragilidade e as rápidas relações que se dão na modernidade presente na sociedade. Até o ato de se apaixonar é levado em contradição pelo autor, em outras palavras, Bauman (1999) diz que é muito mais fácil acabar com uma relação do que realmente está presente nela.

Nesse ponto, temos as redes sociais, aplicativos, aplicativos de relacionamentos, que ajudam na aproximação das pessoas, mesmo através de uma tela, e com nenhuma necessidade de transparecer aquilo que realmente é, tornando essa relação entre os humanos frágil e líquida.

Ainda segundo o autor, é fácil conectar, fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de desconectar. A fluidez do mundo está ligada à velocidade com que essas “relações de bolso”, como ele chama, são terminadas, e por que relação de bolso? Esse termo indica o quanto um relacionamento é passageiro e até mesmo sem necessidade, é algo que guardamos no bolso quando queremos, e jogamos fora quando não queremos mais aquilo ali, rápido, simples e fácil. Trocar algo funcional e ainda em uso, por algo novo, só porque é melhor ou mais bonito, isso significa que os padrões foram baixados, para ele a cultura de consumo muda a forma com que os seres se relacionam.

Partindo desse viés, podemos ter como fonte de análise a construção do perfil do sujeito virtual, que deve ser levada em consideração quando falamos em modernidade, já que esse é o sujeito que mais utiliza as redes sociais para fins diversos. Dentro desse universo, a ideia de ubiquidade é uma das mais presente. Ressaltando que essa ubiquidade está ligada à necessidade que o sujeito virtual possui em estar em todos os lugares ao mesmo tempo, estar conectado, postando, comentando, compartilhando e sabendo de tudo que ocorre no mundo.

É certamente também ubíquo, onipresente, o ciberespaço informacional, uma nuvem invisível que incessantemente nos envolve e que, hoje, por meio dos dispositivos móveis, em quaisquer momentos, pode se tornar visível e pingar no mundo dito real (SANTAELLA, 2013, p. 128).

Esse mundo dito como real, esse mundo que muitos acreditam ser o verdadeiro e o mais importante, é o que realmente importa para essa sociedade fluída e que está pensando apenas na quantidade de curtidas que pode ganhar, ou que efeito deve usar para melhorar a qualidade da foto.

No entanto, Santaella (2013), no livro “Comunicação Ubíqua: Na Cultura e na Educação”, nos mostra que esse tipo de interação também pode ser utilizado de maneira que facilite a vida das pessoas.

À primeira vista, isso pode causar a errônea impressão de que, por estar registrando o viver no seu acontecer, a pessoa pode estar deixando de viver para proceder ao seu registro. A impressão é, de fato, errônea porque são muitas as facilidades que os dispositivos móveis apresentam para viver e registrar o viver possam se dar simultaneamente (SANTAELLA, 2013, p136).

Bem, diante das reflexões expostas, e mesmo que Santaella defenda os pontos positivos desta exposição e registro do viver humanos nas redes sociais, em 17 de julho de 2019, a plataforma de rede social Instagram passa a testar a ocultação de curtidas (*likes*) com o intuito de evitar o clima de competição entre os seguidores<sup>1</sup> e favorecer um foco maior na produção do discurso imagético, sem que para isso haja a ideia de concorrência. A ação, de certa forma, ratifica o posicionamento de Bauman de que na moderna sociedade líquida a quantidade é o norte das relações, ou seja, destacar-se é a ficha de inscrição para o sócio, o termo de admissão nessa multidão (BAUMAN, 2004, p. 80).

### 3.3 A construção do sujeito digital nas músicas de Tiago Iorc

---

<sup>1</sup> Informação retirada do site: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/07/instagram-tira-likes-app-testa-ocultar-numero-de-curtidas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 18.07.2019.

O cantor Tiago Iorc sempre gostou de trazer o novo para suas canções e melodias, tudo que possui o poder de influenciar a sociedade momentaneamente. O digital é a era do momento, o “novo mundo” a ser descoberto e as músicas do compositor sempre fizeram e fazem uma alusão a esse meio de virtualidades.

Trazendo a necessidade dos sujeitos em estarem conectados, de estar presente em todos os momentos, Iorc aponta tanto à ubiquidade quanto a liquidez do sujeito da moderna sociedade líquida nas letras de suas canções.

A construção desse sujeito nas canções de Iorc, passa por várias etapas todas, aparentemente, “necessárias” para estar envolvidos no meio. Como a necessidade por curtidas até o desejo de estar no topo e ser visto o tempo todo, como pode ser observado na letra da música “Desconstrução”, do CD intitulado “Reconstrução”, lançado no ano de 2019 e com altas críticas aos parâmetros sociais de interação no meio virtual.

### **3.3.1 Uma breve trajetória do cantor Tiago Iorc**

Nascido em 28 de novembro de 1985, Tiago Iorc é cantor, compositor e produtor brasileiro, um dos grandes nomes da nova Música Popular Brasileira (MPB). Lançou seu primeiro CD em 2008, “*Let Yourself in*”, que contém dez faixas em inglês e fez grande sucesso no Japão, atingindo a sétima posição na *Billboard* Japonesa. “*Umbilical*” (2011), seu segundo álbum, também foi escrito em inglês. Em 2013, começou a compor em português. Em 2015, o cantor lançou seu quarto álbum, chamado “*Troco Likes*”, nome que tem como referência a interação nas redes sociais.

### **3.3.2 A constituição do sujeito líquido de Iorc**

Um dos *singles* do CD, chamado “*Troco Likes*”, foi a música “Sol que faltava”, que chega a fazer um trocadilho com a expressão “só o que me faltava”. Na segunda estrofe da música, o cantor faz críticas aos usuários ávidos das redes sociais e aplicativos, especificamente o Instagram, que é um site de redes sociais que serve para compartilhamento de fotos e vídeos. Como nesta plataforma se podem usar filtros para modificar, editar, as imagens, o cantor tece sua crítica exatamente por essa utilização dos retoques, por querermos mascarar a realidade e deixar de viver aquilo que tem de mais simples, nesse caso, o sol.

É interessante ressaltar que o cantor passou um ano longe de qualquer rede social ou interação com seus seguidores, disse que precisava de um tempo longe de tudo aquilo, e

voltou recentemente com um novo álbum que também faz críticas reais à moderna sociedade líquida.

*Sol Que Faltava*

*Quando foi, quando foi  
A última vez que você  
Saiu sem ninguém notar  
Sem ninguém te reparar*

*Onde foi, onde foi  
A última vez que você se deixou  
Livre, sem se retocar  
Sem se Instagramear*

*É, é, é, era só o começo ou uma coisa boba  
Era só para se mostrar*

*E no mar de tanta indiferença  
Era o sol que me faltava  
Era o sol que me faltava*

*E no mar de tanta indiferença  
Era o sol que me faltava  
Era o sol que me faltava*

*Quando foi, quando foi  
A última vez que você  
Quis escutar  
Silenciar*

*Onde foi, onde foi  
A última vez que o instante  
Deixou se fotografar  
No teu olhar*

*No mar de tanta indiferença  
Era o sol que me faltava  
Era o sol que me faltava*

*E no mar de tanta indiferença  
Era o sol que me faltava  
Era o sol, era o sol*

Fonte: [www.lettras.mus.br/tiago-iorc/](http://www.lettras.mus.br/tiago-iorc/)

Já a música “Desconstrução”, escrita por Tiago Iorc no seu novo CD “Reconstrução”, o compositor apresenta um sujeito que tem a necessidade de estar presente no mundo líquido



e virtual da sociedade online. Na primeira estrofe, nos versos seis e sete, o autor deixa claro o que vem acontecendo nesse mundo.

Os sujeitos estão ali, apenas atrás de *views*, eles sentem necessidade da exposição, dos números altos de visualizações e da repercussão. Mas quando a tela do celular é bloqueada, o sujeito fica perdido, como o cantor mesmo diz “Ninguém notou a sua depressão. Seguiu o bando a deslizar a mão. Para assegurar uma curtida”, a curtida, ou *like*, que é a moeda social desse mundo da liquidez. Como diz Bauman (2004, p. 80),

Dentro da rede, você pode sempre correr em busca de abrigo quando a multidão à sua volta ficar delirante demais para o seu gosto. Graças ao que se torna possível desde que seu celular esteja escondido com segurança no seu bolso, você se destaca da multidão – e destacar-se é a ficha de inscrição para sócios, o termo de admissão nessa multidão. (...) Se não houver enxame, qual seria a utilidade dos celulares?

É o exatamente esta percepção que teve Bauman, que podemos evidenciar na letra de Desconstrução. Mas que desconstrução é esta? Da sociedade de valores, das relações fixas, estáveis, do conceito de segurança e de certeza, do homem como medida de todas as suas ações. Na verdade, as ações humanas cada vez mais dinâmicas, interativas e participativas, estão deixando esse homem moderno cada vez mais vazio, uma vez que “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes” (BAUMAN, 2004, p. 83), contudo mais banais, pois se condensam em laços frágeis, que se conectam e se desconectam com facilidade.

### *Desconstrução*

*Quando se viu pela primeira vez  
Na tela escura de seu celular  
Saiu de cena pra poder entrar  
E aliviar a sua timidez  
Vestiu um ego que não satisfez  
Dramatizou o vil da rotina  
Como fosse dádiva divina  
Queria só um pouco de atenção  
Mas encontrou a própria solidão  
Ela era só uma menina*

*Abrir os olhos não lhe satisfez  
Entrou no escuro de seu celular  
Correu pro espelho pra se maquiar  
Pintou de dor a sua palidez  
E confiou sua primeira vez*

*No rastro de um pai que não via  
Nem a própria mãe compreendia  
No passatempo de prazeres vãos  
Viu toda a graça escapar das mãos  
E voltou pra casa tão vazia*

*Amanheceu tão logo se desfez  
Se abriu nos olhos de um celular  
Aliviou a tela ao entrar  
Tirou de cena toda a timidez  
Alimentou as redes de nudez  
Fantasiou o brio da rotina  
Fez de sua pele sua sina  
Se estilhou em cacos virtuais  
Nas aparências todos tão iguais  
Singularidades em ruína*

*Entrou no escuro de sua palidez  
Estilhou seu corpo celular  
Saiu de cena pra se aliviar  
Vestiu o drama uma última vez  
Se liquidou em sua liquidez  
Viralizou no cio da ruína  
Ela era só uma menina  
Ninguém notou a sua depressão*

*Seguiu o bando a deslizar a mão  
Para assegurar uma curta*

Fonte: [www.lettras.mus.br/tiago-iorc/](http://www.lettras.mus.br/tiago-iorc/)

Partindo do viés de que o sujeito virtual de Iorc, é o sujeito virtual que encontramos em maior número na nossa sociedade, Santaella (2007) nos mostra a relação do digital e do sujeito virtual com o que ela chama de Pós-humano, aquele que fala sobre a natureza virtual, genética e inorgânica do ciberespaço. Esse sujeito pós-humano está relacionado a “inquietação acerca do destino biônico do corpo humano” (SANTAELLA, p.38). Assim como na música “Desconstrução” onde o compositor, nos mostra o ponto em que o corpo humano não passa de um instrumento de visualização em busca de sua “dádiva divina”, nesse caso o reconhecimento virtual.

A construção desse sujeito virtual se dá a partir da desconstrução do que entendemos como corpo homogêneo, Santaella (2007) oferece um novo entendimento sobre o sujeito virtual e sua interação no ciberespaço. Essa ligação está envolvida diretamente com o termo *ciberpunk*, que faz alusão ao mundo virtual e o real e as figuras que unem os dois mundos,

como a liberdade dos “punks” e a vastidão de ferramentas e proveitos que podem existir do ciberespaço. Esse sujeito pós-humano é como um grande quebra-cabeça, onde cada peça a ser encaixada proporciona uma nova resolução daquilo que pode ser formado na imagem final. Essa ansiedade, por mais novidades, por mais tecnologia, por fome de *views*, leva o sujeito virtual a viver em um mundo onde enxergam o virtual como algo onipresente.

A tecnologia como algo onipresente, mas que apresenta novas possibilidades para o prazer e a liberdade do indivíduo, bem como para sua destruição e escravidão. (SANTAELLA, p.37 *apud* KELLNER, *ibidem*, pp. 383 e 402)

O que leva o sujeito virtual na música e na sociedade, a lidarem com o mundo virtual como algo necessário para sua existência, deixando-os presos ao próprio reflexo.

Devido às questões metodológicas, não foi possível ampliar a discussão acerca das músicas em análise. No entanto, acreditamos que elas servem de pontapé para um olhar que leve em consideração as relações advindas do processo de virtualidades que a sociedade líquida moderna vem atravessando. Ou seja, uma dinâmica de relações e laços sociais que geram sujeitos cada vez mais sozinhos em suas ilhas virtuais.

## **Conclusão**

Acreditamos que a formação do sujeito virtual se dá a partir da construção da modernidade na qual a sociedade está inserida e que esta modernidade está relacionada ao estado líquido e fluido das coisas, como afirma Bauman. Apesar de imanente ao conceito do que é moderno, este estado de liquidez se tornou mais veemente a partir do advento das redes sociais, que fizeram com que o homem imergisse e se locomovesse diariamente em meio virtual.

Como a arte atua como plano de fundo da sociedade, refletindo e refratando o que se passa neste contexto, tomamos como análise as músicas de Tiago Iorc, cantor e compositor contemporâneo que observa a moderna sociedade líquida e a torna elemento estético de suas composições.

Como pudemos notar, Iorc aponta em suas letras o processo de desconstrução pelo qual sujeito e sociedade estão passando, resgatando, de certa forma, conceitos defendidos por Zygmunt Bauman, ao abordar sobre a ideia de que “estar conectado” é menos trabalhoso do que “estar engajado”, daí a fluidez das conexões humanas, presente numa sociedade líquida que se comunica por uma linguagem online também líquida.

## Agradecimentos

Agradeço a todos que me ajudaram na construção deste artigo.

À minha ilustre orientadora e professora, Andréa Francisca da Luz.

Aos meus pais, que estão sempre ao meu lado, apoiando-me na minha formação.

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DINO. **Instagram, 15 vezes mais interações que as outras redes sociais**. Matéria publicada em 08.08.2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/instagram-15-vezes-mais-interacoes-que-outras-redes-sociais/> Acesso em: 08.06.2019.

LETRAS TIAGO IORC. Discografia. Disponível em: [www.letras.mus.br/tiago-iorc/](http://www.letras.mus.br/tiago-iorc/) Acesso em: 08.06.2019.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Linguagens líquidas na era da modalidade**. – São Paulo: Paulus, 2007.

STIVANNI, Mirella. **Instagram tira likes? App testa ocultar número de curtidas no Brasil**. Matéria publicada em 17.07.2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/07/instagram-tira-likes-app-testa-ocultar-numero-de-curtidas-no-brasil.ghhtml>. Acesso em: 18.07.2019.